

Gêneros textuais nas séries iniciais do ensino fundamental da rede de ensino da Amazônia acreana: a regulação dos corpos pelo discurso

Simone da Silva Pinheiro

Rede Estadual de Educação do Estado do Acre

Mestra em Letras pela Universidade Federal do Acre.

simonefiniz30@gmail.com

Resumo: O artigo objetiva analisar três músicas infantis e uma História, que fazem parte do trabalho desenvolvido do Ensino Fundamental I, especificamente referindo-se ao material utilizado por docentes de uma regional da cidade de Rio Branco, Acre. O texto é resultante de uma pesquisa maior em andamento, tendo o propósito de analisar gêneros textuais utilizados no cotidiano escolar, com a finalidade de observar os direcionamentos que os discursos tomam para moldar identidades que adentram a escola. No processo analítico, o diálogo foi estabelecido com aspectos da teorização de Foucault (2001; 2005; 2006; 2014); de Hall (2000); de Butler (2003); de Albuquerque Junior (2019) e Louro (1997). Concluindo, o artigo reflete como os corpos, desde a infância, são produzidos na escola por meio de simples textos, aparentemente desprovidos de intencionalidades políticas, mas que imprimem por essas linguagens o poder sobre determinadas direções, construindo subjetividades desejáveis pelas forças sociais predominantes.

Palavras-chave: Educação escolar. Gêneros Textuais. Músicas. Estória.

Introdução

Até a primeira metade do século XX, as teorizações produzidas no campo das Ciências Sociais e Humanas, em especial da Ciência Educacional, estavam amplamente orientadas por princípios e concepções que encarnam pressupostos de verdade, de hierarquia entre os saberes e seres, de generalizações, de essencialismos e outros correlatos que a partir do século XV foram se engendrando, ao ponto de ganharem *status* de inquestionáveis, sem que produzissem a necessidade de discussões. De partida, esses axiomas eram e ainda são assumidos como verdades inatacáveis, fossem elas produções teóricas mais voltadas para uma perspectiva conservadora ou para uma perspectiva que almeje com elas tensionar os comportamentos de modo a direcionar ações que vislumbrem transformações sociais.

A produção teórica do campo educacional no Brasil foi e ainda é fortemente influenciada por essas perspectivas de ciência, orientando a formação de professores e de professoras, disseminadas nas ações no âmbito das salas de aulas, com forte impacto nos diferentes grupos socioculturais que adentram as instituições escolares. No entanto, atualmente esse campo é constituído de híbridos teóricos com inclinação para a crítica dos acontecimentos do fazer educacional das escolas brasileiras, influenciados por diferentes pressupostos. Essa crítica, conforme analisado por pensadores da Sociologia da Educação, ora funciona pendularmente pela ideia de identidade autônoma e de poder centrado no estado/classe social dominante (Apple, 2006), reforçando uma hierarquia classificatória dos diferentes saberes (Bourdieu; Passeron, 1975). Por outro lado, ora é movida por conjecturas desconstrutivistas de verdades e de narrativas fixas, dialogando com perspectivas pós-estruturalistas (Lopes; Macedo, 2011). Esse movimento teórico complexo ocorre ainda que as práticas escolares sejam efetivamente atravessadas por imperativos legais e curriculares (Libâneo, 2012) amplamente arraigados em pressupostos objetivistas e técnicos do fazer pedagógico tradicional

Os grupos de pesquisas que estudam o currículo da Educação Básica têm colocado em grandes holofotes “a regularidade da sujeição dos agentes escolares [...] às molduras curriculares nacionais, recomendando padrões pedagógicos e condutas docentes para a vida nas escolas (Pessoa, 2018, p. 10), transitando entre parâmetros, diretrizes ou com ou sem *status* de aporte legal. Esses enquadramentos têm limitado impiedosamente outras viabilidades próximas aos diferentes interesses dos grupos socioculturais na escola representados, dificultando outras possibilidades que proporcionem maior fruição de tudo o que a escola tem potencial de oferecer aos grupos historicamente marginalizados, que apesar de terem acesso a essa instituição, não conseguem ficar nela por muito tempo, evadindo-se logo que a situação lhes sejam favoráveis, por diferentes razões, mas principalmente por não estabelecerem relações importantes e significativos sentidos com os seus contextos de vida.

Feito um panorama muito sucinto do campo em que este artigo, de certa forma, se vincula, o texto se desdobra com o intuito de analisar três músicas infantis e uma historinha, que fazem parte do trabalho pedagógico desenvolvido no primeiro segmento do Ensino Fundamental, especificamente tratando do material didático utilizado por docentes de uma regional da cidade de Rio Branco, Acre. O texto é parte de uma pesquisa maior¹ e teve como

¹ Título do projeto de pesquisa: “Observatório de epistemologias que orientam as práticas curriculares: formação e atuação de professore(a)s das cidades, dos campos e das florestas – UFAC”.

propósito analisar dois gêneros textuais de acervos de professoras, com a finalidade de observar os direcionamentos que os discursos tomam para a moldagem das identidades que adentram a escola. No processo analítico, dialogamos com aspectos da teorização de Foucault (2001; 2005; 2006; 2014), de Butler (2003), de Albuquerque Junior (2019) e de Louro (1997).

O artigo aponta para a engenharia dos materiais utilizados, refletindo como os corpos, desde a infância, são produzidos na escola por meio de simples textos, aparentemente desprovidos de intencionalidades políticas, mas que imprimem com tintas fortes, nos corpos de alunos e alunas, efeitos de poder que favorecem a construção de identidades que vão ao encontro de interesses aos quais a escola, invariavelmente, esteve a serviço, construindo subjetividades desejáveis pelas forças sociais predominantes.

Parâmetros e caminhos para o diálogo analítico

Frisamos que o intento do artigo é colocar uma pedrinha minúscula a mais, frente às discussões de currículo, de modo a acrescentar elementos outros, não recorrentes no campo educacional, mas que já vêm sendo realizadas no Brasil desde a década de noventa do século passado, embora ainda não tenha se constituído pauta de debate nos cursos de formação continuada de professores e professoras da rede estadual de educação do estado do Acre. A motivação para a escrita do artigo não é a de substituição de uma perspectiva por outra, mas adensar outras possibilidades, de modo a alcançar os/as docentes que se encontram nas redes educativas desse estado da federação brasileira.

Apoiando-se em Michel Foucault e Stuart Hall, Pacheco (2008) discute que a identidade de professores e professoras não é algo dado, pelo contrário, é construída no campo da linguagem dos currículos de formação e que suas ações pedagógicas, invariavelmente, se desenvolvem em consonância com os discursos heteronormativos que historicamente têm moldado as pautas curriculares. Essa naturalização é acentuada no Ensino Fundamental, quando seus currículos selecionam canções e histórias que reafirmam um modo de ser e estar no mundo, como únicos, definitivos e invariável, ou melhor, separam e sustentam conteúdos construídos a partir de discursos heteronormativos, que fortalecem a organização e o controle social sobre as crianças, adolescentes e docentes, propiciando a efetivação e a propagação de dogmas referentes à sexualidade.

Com base nos estudos que envolvem sexualidade e educação, destaca-se a perspectiva de análise do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (Geerge). O

grupo foi fundado pela professora Guacira Lopes Louro, que, atualmente aposentada, mantém atuação voluntária no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Essa pesquisadora tematiza em suas publicações o binarismo sexual, naturalizado no âmbito das práticas discursivas na escola. Para Louro (1997), são criados e recriados artefatos linguísticos, que ao longo do tempo foram naturalizados como única possibilidade, reproduzindo a dominação heterossexual. Essa pesquisadora também aborda sobre a passividade profissional docente. Afirma haver uma inversão da imagem docente, que conforma e gera a inércia intelectual, motivada pela perspectiva de formação voltada apenas para o como fazer a sua prática pedagógica, facilitando o cerceamento de outras questões de gênero na escola.

Outra pesquisadora que aborda o tema da sexualidade é a estadunidense Judith Buther. Essa filósofa problematiza a política de heteronormatividade, desconstruindo a ideia de naturalidade, essencialismo e determinismo das questões de sexualidade e gênero. Para essa pensadora, essas duas dimensões, como também os sujeitos, não são algo dado, pelo contrário, são produzidas pelo discurso e, nessa direção, Buther (2003) argumenta, explicando que o corpo é narrado por diferentes ações sociais, atravessadas pelo discurso de naturalização de gênero e sexo. A constituição e governamentalidade dos corpos infantis se processam nas relações discursivas que cruzam as experiências escolares, inicialmente na família e na educação infantil, com continuidade no Ensino Fundamental de nove anos (Santana, 2008). Para essa autora, a entrada da criança mais cedo no processo de escolarização ultrapassa a questão do aprendizado, fortalece também a produção precoce dos corpos, moldando-os de forma engenhosa e sutil na direção do binarismo sexual.

Sequências didáticas a partir de canções e historinhas infantis

Por volta do ano de 2016, uma das autoras deste artigo participou de uma formação continuada, oferecida pela Secretaria Estadual de Educação e Desporto (Seed) a professores e professoras da rede escolar do primeiro segmento do Ensino Fundamental. Essa formação foi ministrada por técnico(a)s da referida secretaria, por ocasião do trabalho desenvolvido com a Língua Portuguesa. Foram distribuídas aos participantes sequências didáticas que exploravam o tema por meio de canções infantis e histórias. Tais sequências didáticas envolvem um conjunto de atividades, que foram previamente elaboradas em gabinetes ou resgatadas pelo(s) técnico(a)(s) de algum manual didático, não se sabe exatamente, compostas de objetivos gerais,

atividades a serem desenvolvidas com as crianças e orientações de aplicabilidade na sala de aula, cabendo aos professores/as reproduzi-las o mais fielmente com seus alunos e alunas.

Com base em documento expedido pela Seed em 2010, com validade até os dias atuais, a formação continuada de professores e de professoras deve ser entendida como um processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes julgados necessários à atividade profissional, realizada após a formação inicial, com o objetivo de assegurar um ensino de melhor qualidade aos educandos. A partir desse dispositivo, essa secretaria promove regularmente essa formação, ocasião em que são distribuídos materiais prontos, descrito o passo a passo para serem desenvolvidos nas salas das séries iniciais. Nessas ocasiões, há uma aparente passividade dos professores e professoras, que demonstram aceitabilidade passivamente, pois em nada opinam e, mais, não é proporcionado espaço para discussões. Àqueles que ousam emitir questionamentos são invariavelmente colocados à margem de forma silenciosa, não sendo levados em consideração. Paira um silêncio coercitivo, a correlação de forças é desigual, o poder entre técnico(a)(s) e professor(a)(s) é discrepante, ainda mais porque a condição trabalhista da maioria do(a)(s) professor(a)(s) é temporária, poucos são efetivados no cargo, o que difere do(s) técnico(a)(s), todos de carreira já consolidada.

Na sequência da distribuição dos materiais, as explicações acontecem e giram em torno do argumento de que as crianças não leem somente na escola. Elas leem em diferentes espaços sociais e culturais, sendo a escola apenas um dos vários lugares em que a leitura acontece e que a criança, ao adentrar a essa instituição, traz consigo um repertório de signos assimilados culturalmente. Por esse aspecto, o qual estamos plenamente de acordo, o processo de alfabetização do aluno deve ser acompanhado por práticas de letramento, ou seja, todo o percurso de ingresso no universo da escrita não pode prescindir dos contextos em que as crianças estão inseridas, atentando-se aos significados que elas já construíram no mundo do qual fazem parte.

Em contraposição a essas orientações, exigem a aplicabilidade das sequências didáticas, referentes aos textos que distribuíram, hegemonizando as próximas práticas pedagógicas dos professores e professoras que se faziam presentes naquele espaço de formação, com recomendação aos orientadores pedagógicos para o acompanhamento. Desse material distribuído, selecionamos três textos de músicas infantis e uma historinha, de teor aparentemente inocente, implicando dois gêneros textuais, intitulados de “Pombinha Branca”; “Sapo Cururu”; “Terezinha de Jesus” e “A velha pobre”, os três primeiros de autoria desconhecida e o último adaptado por Augusto Pessoa. Segue adiante os textos:

1.Pombinha Branca

O que está fazendo?
Lavando Roupa
do Casamento

A roupa é suja
É cor – de – rosa
Pombinha Branca
É preguiçosa.

2. Sapo cururu

Na beira do rio
Quando o sapo canta, ô maninha, é porque tem frio
A mulher do sapo
Deve estar lá dentro
Fazendo rendinha, ô maninha, para o casamento
Sapo cururu... (Galinha Pitadinha, 2013)

3.Terezinha de Jesus

Terezinha de Jesus
De uma queda, foi ao chão
Acudiram três cavalheiros
Todos três, chapéu na mão
O primeiro, foi seu pai
O segundo, seu irmão
O terceiro, foi aquele
Que a Tereza deu a mão
Terezinha levantou-se
Levantou-se lá do chão
E sorrindo disse ao noivo
Eu te dou meu coração
Tanta laranja madura
Tanto limão pelo chão
Tanto sangue derramado
Dentro do meu coração
Da laranja quero um gomo
Do limão quero um pedaço
Da menina mais bonita
Quero um beijo e um abraço

4. A velha pobre

Lá para os lados da Amazônia tinha uma velha pobre que morava numa caverna na serra. Só saía às sextas-feiras pela meia noite. Ela era a protetora dos campos. Muitos dizem que ela não gostava de ser chamada de velha, porque, na verdade, nunca envelheceu.

Aqueles que já a encontraram na serra, onde, aliás, raras pessoas já a viram, dizem que ela é linda, mas má.

Tinha, quando queria, uma voz doce e agradável. A cara jovem e linda. Os olhos grandes e brilhantes. Os cabelos pretos, sujos e desgrehados cobriam o rosto. As mãos e os pés eram de velha. Enrugados e cheios de calos.

Trabalhava sem parar, mas vivia esfarrapada e suja. E todo mundo a chamava de velha pobre.

Ela tinha muita vontade de ter filhos, mas não conseguia. Homem que passasse por sua caverna tinha que casar com ela. Se esse homem ficasse com medo era transformado em pedra que rolava, rolava, até cair no precipício.

Se o homem aceitava casar, apesar da aparência de seus pés e mãos, ela mostrava o rosto escondido pelos cabelos sujos. Uma face de imensa beleza. Ela então tomava banho numa fonte de água pura com o fundo cheio de pedras preciosas. Quando mergulhava nessas águas, os pés e as mãos da velha pobre se transformavam: ficavam jovens, belos e delicados. Seus cabelos tornavam-se limpos, macios e lustrosos e o homem podia ter a mais bela noiva do mundo.

Mas, depois de nove meses se não nascia o filho (e ele nunca nasceu) a velha pobre se transformava: voltava a ser suja e esfarrapada. Com os cabelos grudentos e as mãos e pés deformados de dar medo. Então era melhor o homem fugir depressa. Devia correr muito senão podia virar pedra. Se a velha não o alcançava, ficava na gruta gritando de ódio. Logo se formava no rio mais próximo um redemoinho enorme. Engolindo tudo que passava por ele. Esse redemoinho, de uma forma mágica, era a cabeça da Velha Pobre (Adaptação de Augusto Pessoa).

Dialogando e adentrando nos discursos das músicas

Os gêneros musicais presentes nos manuais e livros utilizados no processo de alfabetização e nas séries que sucedem são geralmente de cunho popular e recorrentemente de autores desconhecidos, por exemplo, os que foram selecionados para esta análise. Nessas canções, os traços de heteronormatividade se repetem e naturalizam nas escolas o discurso biológico de gênero.

A análise das canções e da história selecionadas revela, de fato, a naturalização do binarismo sexual e da heteronormatividade como modelo ideal. No entanto, para além da constatação, é fundamental problematizar a historicidade e a persistência desses discursos. Produzidas em sua maioria no contexto brasileiro do século XX – muitas associadas ao rádio, à televisão e às cantigas de roda de tradição oral - essas narrativas refletem e reforçavam os valores conservadores de suas épocas, funcionando como instrumentos de socialização que delineavam papéis de gênero bem definidos para crianças.

O questionamento central reside no porquê de sua permanência e reprodução acrítica nos espaços educacionais contemporâneos. Sua longevidade não se deve apenas a uma suposta “inocência” ou “valor artístico atemporal”, mas muitas vezes a uma inércia pedagógica e a uma visão não crítica da cultura, que as toma como “neutras” ou “universais”. A manutenção desses repertórios, sem uma mediação que evidencie seu contexto de produção e seus vieses, torna a escola um agente de conservação de normas superadas, em vez de promover uma leitura crítica do mundo. Assim, a “infelicidade” da seleção, como apontado, não é um mero descuido, mas um sintoma de como a educação pode, mesmo sem intenção, perpetuar discursos que contrariam seus próprios ideais de equidade e diversidade.

Fora desse diapasão binário, a escola emudece, menos ainda, ousa selecionar temáticas para os processos de formação continuada do/as docentes, que discutam qualquer aspecto que implique sair dessa acreditada normalidade, embora não pare de adentrar aos muros escolares sujeitos que escapam aos comportamentos tidos como normais.

Quando a Pombinha Branca lava a roupa do casamento; quando a Mulher do Sapo faz rendinha para o casamento; quando Terezinha de Jesus de uma queda foi ao chão e foi acudida pelos cavalheiros e a Velha Pobre usa o seu poder de ludibriar o Homem para o casamento, sutilmente se vai enganando um jeito de ser e estar no mundo, específico para aqueles que ao nascer traz consigo o sexo feminino, comportamento considerado mais correto e desejável. A condição de frágil, com ideal de vida o casamento, caseira, trabalhadora dos afazeres peculiares ao lar são adjetivos que atravessam os discursos, moldando a subjetividade do serzinho que se desenvolve no âmbito da instituição escola. A ênfase que é dada a esses discursos se repete a cada ano letivo que se desenvolve, normalizando comportamentos dos sujeitos de sexo feminino e masculino. Àqueles que saem dessa ordem, encontram-se fora do padrão desejado, logo anormais e se constituindo fora da padronização, estarão sujeitos a todo tipo de investidas discriminatórias e preconceituosas que minam as relações com o outro que é diferente.

Modelos de comportamento feminino são definidos pelos discursos e imputados aos corpos de mulheres, incutidos desde a mais tenra idade. Nos textos didáticos, as fêmeas são frágeis, fracas, dóceis, meigas, educadas para as prendas domésticas. Na música Terezinha de Jesus, vemos a jovem frágil e fraca que cai ao chão, ficando à espera dos machos fortes para erguê-la e salvá-la da situação de dor e sofrimento, como verdadeiros heróis. Ao homem, cabe a fortaleza, estampada na figura do pai, do irmão ou do namorado/noivo/marido.

As músicas acima destacadas são produções que fazem parte do acervo didático pedagógico atual, presente em atividades de alfabetização das escolas da cidade de Rio Branco, Acre, mas são decorrentes de um ideário de vinte séculos. Filósofos do chamado cristianismo primitivo (Ambrosio, Tetuliano, Santo Agostinho) escreviam acerca da castidade, da virgindade, da procriação, do matrimônio, da autoridade do homem sobre as mulheres e pecado original. Diversos manuais foram produzidos no sentido de regular a vida das pessoas, a partir do gênero que traziam do nascimento e qualquer ato fora dos padrões estabelecidos eram tidos como algo contra a bondade de Deus segundo os filósofos da religião, mas também de filósofos liberais como Jean Jacques Rousseau.

Jean Jacques Rousseau, celebrado como um dos pais do Iluminismo e da ideia moderna de liberdade, legou uma contradição fundamental: seu projeto de emancipação humana tinha gênero. Enquanto defendia, em obras como “Do Contrato Social”, que “o homem nasce livre, e por toda a parte encontra-se a ferros”, essa liberdade era um atributo exclusivamente masculino.

Sua obra pedagógica “Emílio, ou Da Educação” (1762) é o documento mais claro de seu projeto civilizatório sexista. Rousseau dedica o Livro V à educação de Sofia, a companheira ideal para seu pupilo Emílio. Aí, ele articula um sistema no qual a mulher não é educada para a autonomia da razão, mas para a submissão funcional. Seu princípio orientador é brutal em sua clareza: “A mulher é feita especialmente para agradar ao homem”.

Para Rousseau, essa não era uma mera convenção social, mas uma lei da natureza. Ele via na “fraqueza” física feminina um sinal de uma destinação biológica e moral: a mulher existiria para ser passiva, dócil e dedicada ao lar. Sua educação, portanto, deveria cultivar a doçura, a obediência, o cuidado com a aparência e as habilidades domésticas – tudo para servir, agradar e ser governada pelo marido. Enquanto Emílio é instruído a ser cidadão, Sofia é treinada para ser esposa e mãe.

Assim, o mesmo filósofo que inspirou revoluções ao proclamar a soberania da vontade geral, negou às mulheres o *status* de sujeitos plenos da razão e da política. Rousseau naturalizou a desigualdade, transformando o machismo em um princípio pedagógico e “científico”. Sua influência foi duradoura: ao vincular a diferença biológica a uma hierarquia social imutável, ele forneceu uma justificativa “ilustrada” para que o século XIX, e muito além, mantivesse as mulheres fora da esfera pública, da educação superior e da plena cidadania. Em Rousseau, o grande paradoxo do Iluminismo se revela: a luz da razão que buscava libertar a humanidade das trevas da tradição, deliberadamente deixou as mulheres na sombra. O pecado original, segundo os padres, filósofos do cristianismo primitivo, é baseado nos estudos do livro de Genesis escrito pelo povo Judeu, antes da Era Cristã. Na obra judaica que influenciou os cristãos do Ocidente e Oriente, Deus criou o homem a sua imagem e semelhança e esse vivia no paraíso livre da morte, advindo para a sua companhia um ser importante, porém inferior, ou seja, a mulher. Contrapondo à ideia da companhia feminina, no contexto do período de apogeu das ideias de Santo Agostinho, surge a defesa de que o melhor para a criação e manutenção do Paraíso seria outro homem para acompanhar Adão, afinal os homens são fortes, compreensíveis, têm foco e a capacidade de compreender um ao outro, sendo, portanto, superiores, pois as mulheres são frágeis, se envolvem com assuntos alheios aos interesses

maiores. No entanto, Deus precisava povoar a sua criação, e nesse aspecto, prevalece a ideia da criação de um ser inferior, mas com poder da procriação. Assim, os livros sagrados narram a mulher como ser inferior ao homem, sendo a sua função somente procriar.

Nesse mesmo contexto em que circulavam aquelas ideias tem-se Aurélio Agostinho de Hipona (Santo Agostinho), filho de Patrício, um pagão convertido ao cristianismo e casado com Mônica, uma cristã fervorosa. Diante desta dualidade familiar, o jovem Agostinho foi levado pelo pai às mais diversas casas de banhos do período, além de cultos pagãos, porém o pai morreu quando o jovem tinha somente dezessete anos e diante da orfandade paterna, sua mãe começa a influenciar na sua forma de perceber o que lhe circundava. Desta influência nasce as produções de Agostinho (*As confissões* e *a Cidade de Deus*).

Nessas produções, o teólogo defendeu a ideia de que o homem e a mulher viviam a beleza da infinitude no Paraíso, ou seja, não morreriam, mas que contraditoriamente, por decorrência da procriação, Eva leva Adão ao extremo do desejo, ou seja, ao prazer. E o prazer leva ao pecado e conseqüentemente à humanidade, que culmina com a morte. O pecado, segundo Agostinho, é culpa da libido, então Eva é uma libidinosa.

Na letra da música de Terezinha de Jesus vemos que a moça tombou, caiu, foi ao chão e esse tombo pode ser a queda física ou metáfora da mulher libidinosa, então o pai, os irmãos e o namorado lhes oferecem a mão. O pai pode ser a figura de Deus, constituído pelo cristianismo, os irmãos os anjos e o namorado/noivo/marido Adão. Afinal, segundo os filósofos, Deus é bom e deu a mulher a Adão para que ele habitasse a terra e gerasse filhos. Nessa metáfora musical lhe deram a mão para alçar a um outro patamar, mas em submissão à figura masculina, um homem, que pode ser o pai, o irmão, o namorado/noivo/marido.

Esses filósofos do início do cristianismo defendiam a castidade entre os corpos, para manterem-se castos, os homens deviam focar no trabalho. Através do trabalho, os homens não iriam pensar nos desejos da carne, enquanto as mulheres deviam ficar em casa a orar, costurar, cozinhar e cuidar dos filhos. Nessa vertente, as narrativas presentes em canções como “Sapo Cururu” e “Pombinha Branca” revelam a persistência de uma lógica de enclausuramento feminino, cujos fundamentos remontam à moralidade do século I d.C. E que até hoje infelizmente continua a moldar subjetividades no contexto escolar do século XXI. O que se observa, portanto, não é uma simples “permanência histórica” no sentido foucaultiano, ou seja, uma continuidade estática e inerte de valores passados.

Pelo contrário: trata-se da ativa reprodução e reinvenção de um arquétipo feminino vinculado à espera, ao serviço doméstico e à disponibilidade afetiva, agora reapropriado e

normalizado por meio de práticas culturais cotidianas, como o canção infantil. Essa figura da mulher que espera o marido, da esposa serviçal, não sobrevive como resquício arcaico, mas como dispositivo ativo que se reatualiza nas relações sociais, nas expectativas de gênero e até nos materiais pedagógicos tidos como “inocentes”. Desse modo, a escola, ao não problematizar tais representações, torna-se espaço de naturalização contemporânea de modelos patriarcais que se fingem eternos – mas que são, na verdade, continuamente produzidos e legitimados no presente.

Enquanto isso, os personagens masculinos representados nessas narrativas musicais são constitutivamente isentos de qualquer incumbência ou responsabilidade relativa ao espaço e aos afazeres domésticos. Essa isenção não figura como um detalhe casual, mas opera como um dispositivo narrativo que naturaliza e reforça a divisão sexual do trabalho, alocando a esfera privada e reprodutiva como atribuição exclusiva e naturalizada do feminino.

“O Sapo Cururu” contempla o rio a cantar, as figuras masculinas presentes na canção de Terezinha de Jesus são fortes e prontas a auxiliar a moça frágil, delicada, doce. Já a Velha da Floresta é astuta e seduz os inocentes caçadores, assim como no arquétipo de Adão e Eva da narrativa judaico-cristã, como já citado anteriormente, Eva é apresentada como a responsável pelo castigo de toda a humanidade.

O enclausuramento referenciado encontra-se intrinsecamente associado à expectativa social da virgindade feminina. A virgem representa a santificação do corpo, assim como Maria, a mãe de Jesus, que se manteve pura para servir à vontade do criador, também se devia manter as jovens moças longe das volúpias da vida, principalmente porque as mulheres eram consideradas perigosas e poderiam levar os homens a pecar, ou seja, perder a virgindade. Segundo homens como Santo Agostinho, Tertuliano, Ambrósio, Jeronimo e outros pensadores do século I, III e IV d.C., a perda da virgindade antes do casamento significava condenação ao inferno.

Com base nos estudos de Michel Foucault, podemos analisar esses discursos sobre casamento e virgindade – que circularam nos primórdios do cristianismo e persistem hoje com uma aparente gratuidade – não como resquícios arcaicos, mas como técnicas imperiosas de governo da vida. Foucault, no volume IV da História da Sexualidade, “As Confissões da Carne”, dedica-se precisamente ao exame de como os primeiros padres da Igreja, como Cassiano e Agostinho, transformaram a castidade no elemento central de uma nova economia dos prazeres e de uma tecnologia do *self*.

No centro dessa tecnologia está a exagorêse, a prática confessional de verbalizar todos os movimentos da alma e do desejo. A virgindade e o matrimônio regulado deixaram de ser meras normas externas para se tornarem objetivos de um trabalho contínuo sobre si. O indivíduo é convocado a decifrar suas tentações, narrar suas falhas e lutar permanentemente contra a concupiscência. Essa hermenêutica do desejo criou um sujeito profundamente interiorizado, cuja verdade mais íntima é sua sexualidade, a ser constantemente vigiada, interpretada e dominada.

Portanto, quando tais discursos ecoam no presente – seja em canções infantis, expectativas sociais ou moralidades não declaradas –, não estamos diante de um “eco” passivo, mas da reatualização de um poder pastoral, que migrou do altar para outras instâncias sociais. O controle já não visa apenas à salvação da alma, mas à produção de corpos dóceis, desejos normatizados e subjetividades gerenciais. A “técnica de controle do eu” e a “arte sobre a vida” a que você se refere são, na verdade, o legado foucaultiano da biopolítica: o poder que, em vez de apenas proibir, assume a tarefa de administrar, fomentar e otimizar a vida – e, para isso, precisa antes produzir um sujeito que se *surveille*, se confesse e se corrija.

Assim, a persistência desses ideais de castidade e matrimônio não é um despropósito, mas uma estratégia eficaz e adaptável. Ela opera através de micropoderes que atuam no nível mais íntimo do desejo, moldando não apenas comportamentos, mas a própria experiência subjetiva do prazer e do pecado, do normal e do desviante. O enclausuramento feminino pela virgindade e a idealização do casamento são, nessa chave, faces específicas desse amplo dispositivo de sexualidade que, segundo Foucault, é uma das grandes invenções da modernidade ocidental.

A arte pensada sobre os corpos desde o início do cristianismo coloca os desejos sexuais humanos na categoria de perturbação, pecado, violência, luxúria, impureza. Em *História da Sexualidade volume IV: As confissões da carne*, o filósofo Michel Foucault nos apresenta por meio de uma rigorosa pesquisa aos escritos dos padres do século I, II, III e IV como o discurso do cristianismo construiu toda uma técnica do Patriarcado.

Ao narrar os documentos católicos, o filósofo francês nos mostra que os corpos são vigiados não por olhares, mas sim por uma técnica de confissão, ou seja, era dever dos fiéis confessar perante aos padres e a Deus os seus desejos ocultos, seus pensamentos, pois o pecado estava além do ato sexual. Ele era mais grave no pensamento, assim cabia ao pecador confessar seus desejos carnis e se reconhecesse como pecador, para só assim, ganhar o perdão de Deus.

Basílio, um dos padres apresentados por Foucault na obra anteriormente citada, enfatiza que as relações sexuais devem ser pensadas como algo do plano espiritual, ela é uma conexão com Deus, portanto, não deve ser praticada por prazer, pois assim permaneceremos puros, angelicais, não pecadores. Tertuliano no século I, afirmava que a mulher é um vaso oco, vaso pronto para receber a semente do homem, portanto, o homem é superior à mulher, pois é dele a semente que fará crescer filhos fortes, puros e serviçais à vontade do criador.

Outro ponto enfatizado pelos padres católicos é a pureza de Adão; todos colocam o personagem como inocente, infantil, consequentemente vítima da sedução de Eva, a mulher. Outros colocam o primeiro homem como forte e zeloso pela criação, mas levado ao pecado pela figura feminina. Agostinho defende que pecado original é culpa de Eva, mas Deus (Pai) bondoso se fez carne e deu a humanidade a seu filho (Jesus Cristo) no sentido de livrar a humanidade do pecado, mas isso só é possível por meio da confissão. Precisamos confessar as nossas falhas perante aos padres, pastores, diáconos e outros representantes da igreja.

As letras das músicas e a história, objeto de análise deste texto, são exemplos de gêneros textuais recorrentes que constituem a continuidade da formação das mentalidades patriarcais, evidenciando a genealogia feita por Michel Foucault sobre a construção das relações de poder entre homens e mulheres, nas quais as mulheres aparecem subordinadas aos homens. Para além dessa mentalidade que sujeitou as mulheres a um esquadrinhamento minucioso do seu comportamento durante séculos, condenou a humanidade ao olhar severo de Deus. Essas narrativas que persistem de forma sistemática pela instituição escolar, ainda no século XXI, constitui, continuamente, o corpo feminino para uma determinada imagem desejável, contra toda uma série de malevolência própria da espécie mulher, como bem fizeram crer os primórdios pensadores do cristianismo. O corpo feminino deve manter-se casto defendia os filósofos cristão do século I. Puro, domesticado e dócil para fornecer as condições julgadas necessárias por outros, para a sua grande empreitada de vida. Preparar a roupa do futuro casamento, seduzir os inocentes homens pelos seus dotes de donzela prendada, procriar e cuidar do doce lar. Esperar pela mão do pai, do irmão ou do namorado/noivo/marido decidir o que será a sua vida.

Essa mão do discurso patriarcal foca nas escrituras cristãs o poder da mão do criador, que tanto leva os sujeitos à glória dos céus, quanto ao inferno. Sobre Adão e Eva é determinado pela sua mão a permanência, quanto à expulsão do Jardim da Criação. Por analogia, aos personagens da música Terezinha de Jesus cabe dar-lhes a mão no sentido de lhe salvar do erro, do equívoco, do mau caminho, porque por ela sozinha, seria impossível superá-

los. Diante dessa discursividade, toda essa verdade é recorrentemente disseminada no contexto em que se repete insistentemente, já que desde criança ouve-se a metáfora dos salvadores de Terezinha de Jesus, salva pela tríade masculina.

A importância e a grandiosidade da análise de Michel Foucault estão na empreitada de problematizar o presente e nos levar a perceber como um projeto de mais de dois mil anos se fazem presentes em narrativas do cotidiano, como nos espaços escolares, em discursos políticos, no crescimento de grupos fundamentalistas religiosos. O autor nos chama para olhar o óbvio, vê o que está frente a frente, afinal muitas dessas músicas em análise são veiculadas ingenuamente, colocadas em nossos celulares, televisão ou computadores para acalmar as nossas crianças, e nós “as cantamos e cantamos”, sem muitas vezes nos darmos conta da intencionalidade firme, empreendida em uma determinada direção. Daí Foucault, ao analisar cortes de vinte séculos, nos diz: “Não há o acaso, nada brota, mas se constitui através de técnicas de saber/poder” (2020, p. 25)

O escrutínio da estória da Velha Pobre

Michael Foucault, ao realizar a genealogia sobre os corpos, afirma que saímos do discurso do pecado original sobre os corpos para entrarmos no discurso da medicina. Em a História da Loucura (2020) na segunda parte, capítulo III, nomeado por ele de “Histeria e Hipocondria”, esse filósofo faz essa afirmativa sedimentado pelo o que encontra nos documentos dos médicos psiquiatras do século XVII e XVIII acerca da histeria. Segundo os relatos da época, a histeria era uma doença relacionada ao útero e aos fluidos femininos, portanto uma mulher que não tivesse filhos teria mais chances de tornar-se histérica, assim como as mulheres mais velhas, afinal essas já não faziam uso adequado do órgão reprodutor, além de não menstruar.

Quando se tratava da histeria nos homens, os médicos afirmavam em suas narrativas, que estavam mais ligadas ao esforço físico, afinal o homem é mais forte que a mulher e não possui útero e fluidos. Os estudiosos da época escreviam dizendo que os homens receberam mais firmeza da natureza, enquanto as mulheres são moles, acostumadas a moleza, as volúpias da vida, ao descanso. Com essa narrativa, os estudiosos da medicina da época concluíam que a histeria era mais recorrente nos corpos femininos.

Nesse aspecto, a histeria representou muito mais uma imagem sobre o corpo feminino do que uma doença em si, pois muitas mulheres nesses dois séculos, foram

condenadas ao isolamento sob o manto do diagnóstico de histérica. No entanto, embora não faça mais parte do discurso da medicina na contemporaneidade, ainda observamos esse discurso entoar na televisão, divulgando notícias que emergem dos meios políticos machista e misógino e nos textos escolares, afinal de contas, a história apresentada aos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, “A velha pobre”, apresenta para os estudantes uma estranha, suja e velha, que de certa forma, guarda uma relação próxima com as consideradas verdades dos séculos XVII e XVIII, como bem detectou Michael Foucault em seus estudos, fortalecendo no imaginário de crianças e jovens aquela imagem que teima em permanecer em pleno século XXI.

No tocante à velhice feminina, o texto “A velha pobre” apresenta uma mulher que não aceita a sua condição, cultuando o mito da jovialidade em contraposição ao que é julgado ruim da condição humana, a velhice. Os artifícios da retórica canalizam o ideal de formosura permanente, colocando o avanço da idade e do envelhecimento como indesejáveis e de valor menor na esfera dos valores da humanidade, que para tanto, por mistérios indecifráveis transforma esse ser envelhecido pelo tempo, sem atrativo, sem valor e incapaz para as benesses da vida, em alguém jovem, bela, limpa, voz doce e agradável, com a capacidade de atrair os homens. Para Wolf (1992), na contemporaneidade, resultante do mito da jovialidade, milhares de mulheres submetem-se a procedimentos estéticos para manterem-se jovens e belas. A construção dessas subjetividades, amalgamada por esses tipos de narrativas, têm levado milhares de mulheres à morte ou à condição de perda de mobilidade. A autora destaca ainda, que toda essa necessidade de contínua jovialidade é elaborada pelo discurso do patriarcado. Patriarcado esse que reina na sociedade há mais de 20 séculos.

O mito na beleza e da juventude eterna é, acima de tudo, pensado pelo mercado comandado pelo discurso patriarcal, como bem destaca a autora da obra “O mito da beleza”, publicado por Naomi Wolf no ano de 1992. Ao analisar o assujeitamento dos sujeitos ao discurso da formosura física permanente, no contexto da contemporaneidade, ela desenvolve uma narrativa que argumenta que esse constructo da beleza e juventude são ideias construídas para fugir da certeza da morte. Ao ponderar sobre sua posição, vai mais além, afirmando que esse discurso que constrói subjetividades já vem sendo debatido pelos padres católicos desde os primeiros anos d.C., quando afirmam que o pecado original nos levou à morte e que por outro lado, ao mencionar a velhice, intrinsecamente traz a ideia da morte que se avizinha, portanto, em torno do corpo é colocado um ideal de juventude e beleza para a fixação do signo de infinitude, impossível aos seres humanos e mesmo aos demais seres. E nesse jogo discursivo,

diversas imagens são produzidas em torno da ideia de beleza e juventude como parâmetros que podem medir o distanciamento da finitude, ou seja, a morte.

Para finalizar por ora, o que não tem fim

Os exemplos das letras das músicas “Pombinha branca”, “Sapo cururu”, “Terezinha de Jesus” e a narrativa da história “A velha pobre”, nos possibilitam observar e compreender como os discursos veiculados no presente, aparentemente ingênuos e sem propósitos, vão construindo subjetividades e formatando corpos para a convivência social. Para além da constituição genética, a subjetividade é conformada pelas influências externas, por meio de diferentes artefatos linguísticos.

Utilizando a linguagem de Michael Foucault, reafirmamos que os corpos presentes nos textos selecionados para esta análise são exemplares que fazem parte de um projeto maior de tecnologias de construção do eu. Os corpos são formatados, produzido dentro de diversas categorias institucionais. Esses aparatos circulam e constituem com mais ou menos vigor em uma temporalidade, por vezes sofrem adequações, extinções, modificações, continuidades ou descontinuidades.

No sentido da sexualidade feminina, há séculos o sexo deixou de ser apenas toques, cheiros, movimentos, olhares. Primeiramente, ele foi narrado como pecado, doença, idealização de beleza e juventude. Com o Neoliberalismo, também passou a ser conceito de venda, empreendedorismo, liberdade e felicidade. O carro, a cerveja, o livro, o suco *etc.*, ao serem colocados à venda, são acompanhados por corpos tidos como perfeitos. Somos construídos por imagens e discursos para sentir um imaginário da contemporaneidade, passando a copiar corpos idealizados em cada temporalidade, movendo possíveis e impossíveis para alcançar a imagem cultivada e aceita predominantemente, ser diferente no modo de ser e estar no mundo invariavelmente vem acompanhado de sentimentos que requerem lutas pessoais, não raro, que trazem muito sofrimento.

Referências

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 21. ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

FOUCAULT, Michael. O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: MOTTA, Manoel de Barros (Org.). **Michel Foucault: Ética, sexualidade, política**, v. V. Rio de Janeiro: Florence Universitária, 2006. (Coleção Ditos & Escritos)

FOUCAULT, Michael. A Arqueologia do saber, 8. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**: Curso do dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes editora, 2022.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**, 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade IV**: Confissões da Carne. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

PESSOA, Valda Inês Fontenele. Apresentação. In: PESSOA, Valda Inês Fontenele; SANTOS, Zuila Guimarães Covas dos. **Identidades**: culturas, currículos e margens. Curitiba: CRV, 2018.

WOLF, N. **O Mito da Beleza**: como imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

Textual genres in the initial grades of elementary school in the teaching network of the Amazônia Acre: the regulation of bodies through discourse

Abstract:

This article aims to analyze three children's songs and a story that are part of the work developed in Elementary School I, specifically referring to the material used by teachers in a regional area of the city of Rio Branco - Acre. The text is the result of a larger ongoing research project, with the purpose of analyzing textual genres used in the school routine, in order to observe the directions that discourses take to shape identities that enter the school. In the analytical process, a dialogue was established with aspects of the theorization of Foucault (2001, 2005, 2006 and 2014); of Hall (2000); of Butler (2003); of Albuquerque Junior (2019) and Louro (1997). In conclusion, the article reflects on how bodies, from childhood onwards, are produced in school through simple texts, seemingly devoid of political intentions, but which, through these languages, exert power over certain directions, constructing subjectivities desirable to the prevailing social forces.

Keywords: School education. Textual genres. Music. History.

Recebido: 31 agosto 2025

Aprovado: 03 dezembro 2025